

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE GÊNERO**

Daniela da Silva dos Santos

**A FALA DE MULHERES NEGRAS:
DESAFIOS ENTRE AUTODEFINIÇÃO E RESISTÊNCIA**

**SANTA MARIA-RS,
2021**

Daniela da Silva dos Santos

**A FALA DE MULHERES NEGRAS:
DESAFIOS ENTRE AUTODEFINIÇÃO E RESISTÊNCIA**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Gênero do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Gênero, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Especialista em Gênero**.

Aprovado em 28 de janeiro de 2021:

Márcia Eliane Leindcker da Paixão, Prof^a. Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Maria Rita Py Dutra, Dr^a. (UFSM)

Giane da Silva Vargas Prof^a. Dr^a.
(Unipampa)

**Santa Maria - RS,
2021**

A FALA DE MULHERES NEGRAS: DESAFIOS ENTRE AUTODEFINIÇÃO E RESISTÊNCIA

THE TALK OF BLACK WOMEN: CHALLENGES AMONG SELF-DEFINITION
AND RESISTANCE

Daniela da Silva dos Santos¹, Márcia Eliane Leindcker da Paixão²

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência a partir de minha atuação profissional com mulheres negras. A escuta e o relato dessa experiência se configuram como ponto de partida, pois as reflexões se propõem a abordar e problematizar a resistência e a autodefinição das mulheres negras, a partir dos estudos feministas. Em uma tentativa de desconstruir-construir-reconstruir diálogos com as narrativas de si na busca por encontrar a reconstrução de quem faz história no próprio percurso de vida. Busquei apoio teórico em Marie-Christine Josso para apresentar o presente relato, no intuito de compreender como essa história se articula conforme um processo – o processo de formação e narração de si (JOSSO, 2006) –, em diálogo com perspectivas feministas de mulheres negras como Patricia Hill Collins, bell hooks e Angela Davis.

Descritores: Escuta. Narrativas de si; Resistência; Autodefinição.

ABSTRACT

This article presents an experience report from my professional background with black women. The listening and report of this experience configure themselves as a start point since the reflections propose themselves to approach and problematize resistance and self-definition of black women from feminist studies. In an attempt to deconstruct – construct – reconstruct dialogues with self-narratives in the seek for finding reconstruction of who writes history in the path of life. I searched for a theoretical framework in Jasso's work to write this report. Understanding how this history articulates as a process – the process of formation and self-narrative (JOSSO, 2006) in dialogue with feminist perspectives of black women as Patricia Hill Collins, Bell Hooks, Angela Davis.

Keywords: Listening; Self-narratives; Resistance; Self-definition.

1 Autora, Mestra em Educação (UFSM). Contato: danielasilva.2003@yahoo.com.br

2 Orientadora, Prof.^a. Dr.^a. (UFSM). Contato: marciapaixao12@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Dentro da guerra, todas lutamos com as forças da morte, de maneira sutil ou não, consciente ou não – de que não sou apenas uma baia, sou também uma guerreira. Quais são as palavras que você ainda não tem? O que você precisa dizer? Quais as tiranias que você engole dia após dia e tenta tomar para si, até adoecer e morrer por causa delas, ainda em silêncio? Para algumas de vocês que estão aqui hoje, talvez eu seja a expressão de um dos seus medos. Porque sou mulher, sou negra, sou lésbica, porque sou quem sou – uma poeta negra guerreira fazendo o meu trabalho –, então pergunto: vocês têm feito o trabalho de vocês? (LORDE, 2020, p. 53).

Este artigo faz parte da minha caminhada para realizar o meu trabalho como psicóloga, ao atender mulheres negras em sofrimento psíquico. Seus medos e angústias frente aos desafios encontrados por elas em ambientes intoxicados e impregnados de estereótipos e limites de acesso, onde qualquer uma, que deseje algo para além dos lugares que lhe foram designados, irá sofrer o peso da rejeição e da desconsideração de seu potencial. Desenvolverei a minha percepção das narrativas a partir da perspectiva feminista com autoras como bell hooks, Angela Davis e Patricia Hill Collins, na busca pela intersecção de gênero, raça e classe no intuito de sistematizar esta experiência.

A escuta é para todas aquelas que chegarem até meu consultório onde atendo mulheres que passam por sofrimentos psíquicos. Hoje há um número expressivo de mulheres negras que estão no ambiente universitário. Mulheres que ousaram desafiar a norma do *seu lugar* e que pagam o preço elevado da angústia e da ansiedade por serem pioneiras em ambientes inóspitos. Ambiente inóspito que reage ao número cada vez mais elevado de mulheres no âmbito universitário, como se essas fossem um vírus contagioso que poderia contaminar um ambiente considerado, por muitos, um *éden* de conhecimento, disciplina e ciência intocada e perfeita.

A escuta de seus traumas e seus relatos de vida são aspectos que merecem sensibilidade e atenção. As mulheres negras que chegam a meu consultório e que estão no ambiente universitário relatam o preço elevado e angustiante que pagam por desafiar a norma social instituída e por serem pioneiras em ambientes majoritariamente brancos.

A representatividade de pesquisas e de professoras ainda é aquém do esperado. E há discursos de escassez de recursos e desafios para que essas pesquisas tenham um volume um pouco maior.

Na busca pelo entendimento de seus sofrimentos, dentro dos desafios encontrados nas suas trajetórias, muitas mulheres negras narraram suas dificuldades em permanecer no

ambiente universitário e concluir suas atividades. Elas buscam não só atendimento para suas angústias, mas também uma alternativa de não desistirem de seus sonhos.

Há um discurso na academia de que só os melhores sobrevivem e chegam aos postos das especializações, nicho para poucos *iluminados* que sobreviveram ao rigoroso meio acadêmico e, assim, aproveitam as benesses de uma carreira acadêmica, com louros de um bom emprego e das benesses dos salários.

Discurso que não faz sentido algum, pois muitas delas estão decodificando os ditos e não ditos desse sistema que privilegia alguns e deixa milhares à margem, como sempre acontece em um mundo guiado pelas regras do capital.

Elas já sabem que o recorte de gênero, raça e classe é o fio condutor desse sistema perverso que se utiliza de mecanismos de poder para deixar milhares à margem, dependentes das migalhas de uma sociedade capitalista, mais interessada em acumular do que em dividir.

Caso não saibam ou evitem saber, essas mulheres são negras e proveem da base social deste país que por séculos subjugou e jogou uma população inteira para as margens. O que estamos vivenciando hoje é o efeito de séculos de acumulação de capital e exploração sistêmica de uma população que sustenta esse país.

As mulheres negras que me procuram estão em busca de respostas para um quebra-cabeça gigante, cujas peças foram escondidas dentro de recortes de gênero, raça e classe.

Provindas de ambientes e realidades diferentes das protagonizadas pelos discentes privilegiados que, até então, ocupavam os ambientes acadêmicos, muitas vezes, se sentem impotentes frente ao desafio da permanência.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho de conclusão de Especialização em Estudos de Gênero é sistematizar prática e teorias através de meu relato de experiência com a escuta das falas de mulheres negras, buscando corroborar com as expectativas de resistência e permanência dessas mulheres no espaço acadêmico.

Nesse sentido, este relato apresenta os desafios encontrados na tentativa de construir entendimentos, por uma mulher negra, sobre a produção de escuta da fala de mulheres negras, dentro do ambiente universitário e na clínica, e a possibilidade de autodefinição e resistência, observadas nas falas desta pesquisa. Assim, em que medida a escuta de mulheres negras por uma mulher negra poderá influenciar no andamento do tratamento, na busca por impulsionar o início de um processo singular ou grupal de redefinição dos pontos nodais de intercruzamentos de processos.

Através deste relato, muitas construções e questões foram levantadas e pensadas na tentativa de buscar explicações sobre sofrimentos vivenciados por essas mulheres. E neste

sentido, a academia desconsidera ou invisibiliza esse sofrimento. Sofrimentos que são desconsiderados e realocados em discursos de meritocracia e ciência por alguns docentes e coordenadores, distanciando discentes e projetos de permanência.

A escuta de mulheres negras traz desafios para a psicologia e, principalmente para mim, que sou uma mulher negra que passei pelo mesmo processo e que desafiei meus limites para permanecer o máximo possível dentro deste ambiente intoxicado pelo patriarcado e pela heteronormatividade.

Para Marie-Christine Josso (2006), o procedimento de história de vida, centrado na reconstrução da história da formação de alguém, se entrecruza com trabalhos individuais, coletivos e leituras. Possibilitando que a pessoa ressignifique sua vida ao contar-se e fazer o processo de caminhar para si.

Na tentativa de utilizar minha experiência com essas escutas de histórias de vida, me dispus a sistematizar essas falas a partir de uma escuta analítica, cruzada pela psicanálise e forjada pelas mulheres que me precederam, no intuito de contribuir com uma reflexão do feminismo negro.

Minha trajetória e a trajetória de minhas ancestrais é propósito para quem irá ficar. Nossa história nunca foi única, pois não nos foi permitido recontar o que vimos, o que sentimos, e nossas possibilidades como sujeitos.

Grada Kilomba (2019) irá nos lembrar que nossos ancestrais foram obrigados a se calar e a enterrar suas memórias em suas psiques. E, esse esforço de tentar deixá-las vivas dentro de seu inconsciente, para serem contadas depois, trouxe as feridas abertas do sofrimento e do adoecimento mental.

O ser humano adoce quando não consegue trazer para a linguagem e para o simbólico seus sofrimentos. A linguagem é o que nos diferencia dos outros animais desse planeta e não a usar para nos definir ou para nos recontar perante outros é o início do fim.

Assim, meu trabalho é dar a oportunidade para essas mulheres negras contarem e recontarem sobre seus sofrimentos, raivas e angústias, tristezas e alegrias, glórias e derrotas. bell hooks (2019) alerta para que, ao examinarmos as vidas dessas mulheres, que reagiram às mudanças contemporâneas, visualizemos suas dificuldades para construir uma subjetividade radical, pois está enraizada numa determinação de *nadar contra a corrente*.

Aqui vou nadar contra a corrente acadêmica convencional, pois vou dialogar com meus atravessamentos e a escuta dessas mulheres. Travessia difícil, pois, relatos de experiências podem ser confundidos com desabafo, porque sou uma negra escutando outras mulheres negras. Podem alegar que é pessoal, no entanto, vou declarar que é resistência como

ato político e ético pela equidade. Apoio-me na frase da feminista Angela Davis (2017, p. 151): ao colher o fruto do passado, vocês devem espalhar a semente de batalhas futuras.

Resistência que começa na metodologia perpassada pela tradição oral e suas narrativas e, nesse sentido, pelo desafio da narrativa como potencialidade da própria história e da ressignificação, o que fará parte do processo de falar de si e buscar entendimento de vida.

Optei pelo relato de experiência pessoal, pois foi a forma possível de trazer as falas dessas mulheres negras nesse momento de escrita do artigo, atravessado por uma pandemia. Considero-me uma escuta em lapidação desde a infância. Acompanhei minha avó, mãe, tias e mulheres que passaram pela minha vida e aprendi que escutar as falas de outras mulheres é importante para ressignificar a minha própria vida.

Através de uma pesquisa qualitativa, a partir da história oral e do relato de experiência como psicóloga, psicanalista e historiadora, tentarei dar entendimento e articular processos históricos narrados por cada mulher negra e suas trajetórias.

Uma outra constatação importante, efetuada pela mediação da pesquisa com histórias de vida, evidencia a exigência metodológica de pensar as facetas existenciais da identidade através de uma abordagem multirreferencial que integra os diferentes registros do pensar humano (as crenças científicas, crenças religiosas, esotéricas), assim como as diferentes dimensões de nosso ser no mundo. Se abordamos a vida das pessoas na globalidade de sua história, as variações dos registros nos quais elas se exprimem, e as múltiplas facetas que elas evocam de seu percurso, é realmente difícil não tomar consciência das sinergias positivas ou negativas entre as dimensões psicossomáticas, psicológicas, sociológicas, antropológicas, sócio-históricas, espirituais, por exemplo, que intervêm na expressão evolutiva da existencialidade e, assim, da identidade (JOSSO, 2007, p. 416).

Para Josso (2007), a concepção experiencial da formação de si, em todas as facetas, dimensões e registros, possui articulações importantes para completar categorias tradicionais das ciências do humano, dando lugar às vivências refletidas e conscientizadas, integrando dimensões de nosso ser no mundo. Ou seja, registros de expressões, competências genéricas transversais e posições existenciais.

Pressupõe-se no RE um trabalho de concatenação e memória, a elaboração de um acontecido que, como vê seu relator, invocando suas competências reflexivas e associativas, bem como suas crenças e posições de sujeito no mundo. Então, o trabalho narrativo da singularidade no RE é sempre e invariavelmente um trabalho de linguagem. É importante notar que, através da linguagem, que afeta a singularidade diferentemente, de modo extra e intrasingular – extra porque o código de linguagem precede quem o utiliza, e intra porque será, por meio de sucessivas operações, realizadas por cada um, a necessária condição e medida para poder-se falar “eu” – o eu, posto de formas distintas, advém como um relevante dispositivo de

formação da experiência. Entretanto, o eu é a síntese impossível e intranquila de inúmeros atravessamentos (DALTRO; FARIA, 2019, p. 226).

Com base nesses fatores, optei pela pesquisa qualitativa, de cunho relato de experiência, na tentativa de produzir uma aproximação teórica prática com às mulheres negras. Para Thelma Spindola e Rosângela da Silva Santos (2003), a pesquisa qualitativa se preocupa com uma realidade que não pode ser qualificada, pois, trabalha com um universo de significados, crenças, valores em um espaço mais profundo das relações de fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalizações de variáveis (SPINDOLA; SANTOS, 2003).

A pesquisa com histórias de vida se inscreve neste espaço, onde o ator parte da experiência de si, questiona os sentidos de suas vivências e aprendizagens, e traz a possibilidade de reconstruir sua trajetória revendo pontos que ele elege naquele momento como importante.

A história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação. Assim, o estudo dos processos de formação de conhecimento e de aprendizagem, visando à elaboração de um conceito de formação experiencial, para o qual contribuimos junto à equipe de Genebra e ao movimento internacional das histórias de vida em formação, efetua-se a partir da construção da narração da história da formação de cada um, da narração das experiências com as quais o autor-ator aprendeu, da sua maneira de operar escolhas, de se situar em suas pertencas e de definir seus interesses, valores, aspirações. *A existencialidade é abordada por meio de uma trama totalmente original – porque singular – no seio de uma humanidade partilhada. É por isso que em nossas pesquisas com histórias de formação eu emprego frequentemente a expressão de nossa existência singular plural* (JOSSO, 2007, p. 419-420, grifos da autora).

Da existência singular/plural, entendimentos e conexões irão promovendo proximidades entre discursos e práticas fundamentais para que essas mulheres negras permaneçam na universidade e projetem futuros ímpares. Buscando, assim, desmistificar discursos obsoletos de meritocracia.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 NOS DESAFIOS, NOS ENCONTRAMOS E NOS FORTALECEMOS

Às vezes, explorar nossas diferenças soa como marchar para a guerra. Eu me lanço com receio na órbita de toda a mulher negra que quero alcançar, e avanço

carregando comigo o melhor que tenho a oferecer – eu mesma (LORDE, 2020, p. 206).

O lugar de narradora singular/plural é desafiador, porque ocupar lugares dessa magnitude está intrinsecamente ligado a assumir o protagonismo e a autorização de verbalizar o que por muitos séculos nos foi proibido de verbalizar.

Ou como relata Maria Aparecida Silva Bento (2002), a escolha do pacto narcísico como linha mestra está ligada à maneira como surgem (ou são omitidos) nos discursos dos autores brancos a tentativa e a preocupação em preservar, isentar, proteger os interesses do grupo branco, e o convite para discursos de culpabilização, desvalorização dos negros e uma indiferença à desvalorização dos seus direitos.

Discursos romantizados durante o período de colonização, principalmente na língua portuguesa, traduziam relações de poder em que abusos psicológicos, sexuais e morais eram transformados em glórias e conquistas. *O sujeito negro* se transforma em inimigo intrusivo; e o branco, vítima compassiva. O opressor se torna oprimido e o oprimido, tirano (KILOMBA, 2019).

Essas capacidades ou características discursivas estarão atreladas ao gênero, à raça e à classe. Ou seja, ambiente propício para homens heteronormativos, brancos, da elite. Uma idealização projetada, planejada e articulada por indivíduos que produzem conhecimento.

Para Joice Berth (2019), o poder dos silenciamentos pode ser visto como tecnologia de opressão usada recorrentemente nas estruturas opressoras, onde o oprimido percebe de imediato que o grupo opressor é incapaz de assimilar o que está sendo verbalizado.

O silenciamento dos grupos oprimidos é o endurecimento do conveniente desinteresse dos grupos dominantes em discutir nossas matrizes opressoras geradoras de desigualdades deixou um enorme atraso na produção do conhecimento, visto que há uma incompletude em quase tudo que se propõem estudar sobre temas correlatos, e uma superficialidade generalizada que foi mutilando todas as forças que carecem do conhecimento profundo para se atualizar e instrumentalizar a sociedade no sentido de viabilizar práticas de erradicação de nossos problemas históricos (BERTH, 2019, p. 57).

As tecnologias de opressão trazem para dentro do consultório uma avalanche de inquietações psicológicas e afetivas que reverberam nas pacientes, questões sobre seus limites e suas capacidades frente aos desafios acadêmicos. Os afetos sobre seus lugares, seus propósitos, suas trajetórias, suas pesquisas, etc.

O silenciamento como tecnologia de opressão produziu dentro da academia um distanciamento das pesquisas e pesquisadores que gostariam de buscar entendimentos sobre raça, gênero e classe. Em muitos discursos acadêmicos, a imparcialidade e o distanciamento das pesquisas seriam primordiais para um entendimento menos afetivo das mesmas.

Tais pesquisas poderiam mostrar uma ligação entre um número ainda irrisório de alunos e professores negros da classe trabalhadora nos ambientes universitários e sua ligação com a questão de gênero, raça e classe. Essas pautas muitas vezes recaem em discursos meritocráticos de que os melhores conseguem ingressar e permanecer com facilidade maior, idealizando e mistificando esses ambientes.

As mulheres negras acadêmicas relatam que, nos discursos de alguns professores, o teor meritocrático e *iluminado* de suas carreiras é questão para se vangloriar de suas conquistas. Esforço que poucos conseguem alcançar, pois faz parte de uma idealização de trajetória e mérito.

Será que estamos falando de opressão pelo apagamento? Apagamento que cria a métrica e as regras para poder ter o domínio de omitir fatos históricos e não históricos que são relatados e contados por uma parte da sociedade que consegue anos de dedicação à educação de qualidade. Estamos falando de um acesso maior de pessoas que possuem condições privilegiadas à educação e tempo hábil para dedicação exclusiva à construção de uma carreira de sucesso e esse indivíduo chegará aos ambientes de poder que a maioria da população não vai conseguir chegar.

As mulheres precisam saber que podem rejeitar as definições sobre a realidade em que vivem oferecidas pelos poderosos. Que podem fazê-lo, mesmo sendo pobres, exploradas ou vivendo em situações opressivas. Que exercer o poder pessoal básico é ato de resistência e força (HOOKS, 2019).

Rejeitando padrões e normas estabelecidas e projetadas na psique das mulheres negras. Um ato de análise e busca de entendimento das possibilidades reais dessas mulheres sem atravessadores. Sem as regras do opressor.

Para Collins (2019), as mulheres estadunidenses e afrodescendentes foram sistematicamente distorcidas ou excluídas do conhecimento pelos homens brancos de elite que controlam as estruturas ocidentais de validação do conhecimento. Os temas, os paradigmas e as epistemologias da pesquisa acadêmica tradicional são permeados por seus interesses que realizam um profundo recorte de classe acentuado e decisivo para a chegada de alguns em ambientes de poder e sua manutenção dentro destes ambientes. Esses comportamentos, muitas vezes, desqualificam novas possibilidades ou invisibilizam a potencialidade de

pesquisas que poderiam corroborar para a ampliação e construção de diálogos mais pontuais sobre gênero, raça e classe.

Toda a luta social que mexe em acúmulos e excedentes de privilégios, provocando uma tensão estrutural na sociedade, pelo incômodo premeditado de indivíduos que estão em uma posição de conforto social, tende seguramente a ser alvo de estratégias de autoproteção desses grupos, criando estratégias quase instintivas de defesa aguerrida de seus interesses (BERTH, 2019, p. 65).

As mulheres negras que, nos últimos anos, conseguiram adentrar nesse ambiente, muitas vezes, discursam sobre uma falha ou uma falta que elas possuem dentro desses lugares, pois suas vidas já foram estigmatizadas, ou seja, elas são vistas apenas como mulheres aptas para trabalhos braçais e não para trabalhos intelectuais.

Falácia que também é utilizada para os homens negros, mas não vou me aprofundar nesse ponto, pois, aqui, gostaria de dar foco para essas mulheres negras que em sua trajetória acadêmica lutam constantemente para retirar esses miasmas das suas psiques. Sem esse trabalho de autodefinição e empoderamento, a trajetória se faz através de um adoecimento psíquico profundo e devastador, chegando a levar muitas à depressão severa ou a uma melancolia constante.

Kilomba (2019) menciona que os vários relatos e descrições minuciosas pareciam me advertir que aqueles não eram meramente fatos do passado, mas memórias vivas enterradas em nossa psique. Assim, hoje, eu quero escutá-las e ressignificar com cada mulher negra desse planeta.

Somos seres simbólicos que necessitam expressar suas angústias, medos, raivas, dores para curar feridas que parecem estar curadas, mas que ainda reverberam a cada novo gatilho acionado em nosso dia-a-dia.

2.2 MULHERES NEGRAS TATUADAS POR DEFINIÇÕES PEJORATIVAS

Mulheres que reagem ao racismo são mulheres que reagem à raiva; a raiva da exclusão, do privilégio que não é questionado, das distorções raciais, do silêncio, dos maus-tratos, dos estereótipos, da postura defensiva, do mau julgamento, da traição e da cooptação (LOUDRE, 2020, p. 155).

A dor e a raiva das mulheres negras, que receberam ao longo de suas vidas espelhamentos e discursos de incapacidade, inferioridade, mediocridade, insuficiência, devem vir à tona. As histórias devem ser contadas e protagonizadas por aquelas que sempre foram alvo de injúrias e abusos nunca retratados ou sanados.

Essas mulheres passaram suas vidas interpretando não ditos, usaram seu imaginário e sua resiliência para não enlouquecerem dentro de seus núcleos familiares por centenas de anos. A busca por não enlouquecer passa por decodificar regras e normas que a sociedade lhes impôs, tornando-as escravas desse sistema.

Muitas mulheres negras não enlouqueceram porque usaram ferramentas transgeracionais como arma de resistência e sobrevivência. Tiveram que aprender através da sabedoria de suas mães e de suas irmãs o limite entre tecnologias de poder e uma vida mínima de possibilidades para sobrevivência real.

Toda a mulher tem um arsenal de raiva bem abastecido que pode ser útil contra opressões, pessoais e institucionais, que são a origem da raiva. Usada com precisão, ela pode se tornar uma poderosa fonte de energia a serviço do progresso e da mudança. E quando falo de mudança não me refiro a uma simples troca de papéis ou uma redução temporária das tensões, nem a habilidade de sorrir ou se sentir bem. Estou falando de uma alteração radical na base dos pressupostos sobre os quais nossas vidas são construídas (LORDE, 2020, p. 159).

A possibilidade de nos reconhecermos como mulheres, que, ao longo dos séculos, aprenderam com suas mães e irmãs a resistirem ao sofrimento através de raiva e ódio, impregnou cada centímetro dessas mulheres com desconfianças e brigas internas, que, abastecidas por um recorte de gênero, raça e classe, dentro do sistema patriarcal, potencializou a raiva sobre si mesmas.

Mulheres negras que se veem com imagens distorcidas e negligenciadas, construídas para manterem uma subordinação sobre seus potenciais, amarras psíquicas que carregam até hoje e que, muitas vezes, precisam ser lembradas de suas existências, para que muitas avancem em sua caminhada para uma vida sem sofrimentos e dores.

É impossível o pleno desenvolvimento e o gozo da cidadania plena sem admiração por si mesma, pela sua imagem, sua cultura e sua história. Pessoas negras, em especial, mulheres negras, assimilaram isso e trabalham esse aspecto, conscientemente ou não. E o instinto de sobrevivência foi facilitador para adentrarmos nesse campo e propagarmos técnicas e modos de articulações positiva, capazes de aquecer, aproximar e trocar diversas experiências fortalecedoras, inclusive entre gerações diferentes. Não fosse essa experiência quase espiritual de ressignificação de nossa autoimagem, ainda que timidamente, nossas ancestrais de luta teriam sucumbido às diversas violências das práticas de desestruturação humana empregada pelo racismo. Mulheres negras, em toda a diáspora, sentindo-se vitimadas pelas técnicas de atuação do racismo intercalado à lógica patriarcal solidificada e naturalizada, saíram e saem ainda hoje em busca de modos de sobrevivência, de fortalecimento mútuo e instrumentalização práticas para as lutas diárias, no âmbito familiar, profissional e afetivo (BERTH, 2020, p. 127).

A referência seguida por essas mulheres perpassa a sabedoria guiada através de informações que foram ao longo dos séculos decodificadas e armazenadas por todas que cruzaram o chão da senzala e as mulheres negras que encontramos hoje dentro dos meios acadêmicos.

Possibilidades de sobrevivência que passam por encontrar os signos pejorativos e resignificá-los, substituindo-os e internalizando-os ao ponto em que vibrem em cada partícula do ser, onde cada mulher negra irá projetar novas potencialidades.

Patricia Hill Collins (2019) irá ressaltar o abismo entre as mulheres negras e os centros de poder que foram por séculos adiados para os negros e, principalmente, para as mulheres negras. Esse distanciamento se intensifica ainda mais em nosso país, pois muitas mulheres negras ainda estão lutando por sobrevivência básica e as que conseguem ir um pouco mais além e chegar a alguns níveis de escolaridade enfrentam desafios ímpares. Para Collins (2019), a produção acadêmica sobre mulheres mostra predileção por situar as mulheres negras em quadros comparativos e todos falam em nome das mulheres negras, dificultando que falemos por nós mesmas:

As mulheres negras ficaram em silêncio por muito tempo. Um fator importante que contribuiu para esses silêncios de longa data, tanto entre as afro-americanas quanto para o pensamento feminista negro, é a falta de acesso das mulheres negras nas posições de poder nas instituições sociais. Quem controla as escolas, a mídia, as igrejas e o governo reprime a voz coletiva das mulheres negras. São os grupos dominantes que constroem as mulheres negras como “a personificação do sexo, e a invisibilidade das mulheres negras como desprovidas de voz e despercebidas – tudo que não é branco (COLLINS, 2019, p. 218).

O silenciamento se transformou em não dito e o não dito em violência. Violência velada e mascarada. Aviltada em doses que muitas vezes parecem imperceptíveis, pois encontramos nos discursos as armadilhas que o silêncio preenchido com o não dito deixou marcado em cada mulher negra.

Neusa Santos Sousa (1983) já se debruçava sobre as pesquisas dessas violências e nos deixou evidente que é impossível para uma pesquisadora estudar sobre as vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social sem falarmos da violência:

A violência parece-nos a pedra de toque, o núcleo central do problema abordado. Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro. Espinha dorsal da violência racista (SOUSA, 1983, p. 02).

A autora destaca o fardo imposto aos excluídos e a norma socio-psicossomática criada pela classe dominante branca – ou que se autodefine desta maneira, destruindo a identidade do sujeito negro através da internalização compulsória e brutal de um ideal de *ego* branco, incompatível com as propriedades biológicas do seu corpo (SOUSA, 1983).

Quase uma busca do *santo graal*, corporal e identificatório, que nunca alcançará, pelo simples fato de haver uma diversidade de gênero, raça e classe que não permitirá que esse ideal de *ego* seja alcançado. As regras não permitem vencedores que não estejam no *script*.

Script branco, que criou a inquisição, o colonialismo, o imperialismo, o antisemitismo, o nazismo, o stalinismo e outras formas de despotismos como também a escravidão, a pilhagem, as guerras e as destruições em massa. Centenas de opressões ao longo da história e, ainda nos dias atuais, o lucro e o poder condenam milhões a objeto e degradada miséria física e moral (SOUSA, 1983).

Essa estrutura e sua manutenção só são possíveis se estiverem materializada em pré-conceitos e crenças forjadas com tal maestria que até os próprios atingidos acreditam que ela é verdadeira, transformando, assim, mentiras e engodos em verdades. Verdades que muitas vezes não serão questionadas ou analisadas de perto. Terão jeito, cheiro, gosto, sons, toque e sensação de verdade.

A estrutura do patriarcado branco ocidental exige que acreditemos na existência de um conflito inerente entre o que sentimos e o que pensamos – entre poesia e teoria. É mais fácil que nos controlem quando uma parte de nosso eu é separada da outra, fragmentada e sem equilíbrio. Contudo, existem outras configurações, outras formas de experimentar o mundo, ainda que seja difícil nomeá-las. Podemos senti-las e procurar articulá-las (BEREANO, 2020, p. 12).

E, nesse contexto, o feminismo negro se torna protagonista em conjunto com cada mulher negra que queira desmistificar e decodificar os entraves criados gênero, raça e classe para buscar uma cura entre as conexões falsárias que foram forjadas ao longo dos séculos. Não cabe mais acreditarmos em mentiras e injúrias que foram elaboradas para uma manutenção de poder e lucro.

Não é mais possível acreditarmos e usarmos a métrica do opressor. Enquanto os ideais cruzarem pelo pensamento branco ocidental, heteronormativo, sexista, machista, homofóbico e classicista, não será possível pensar e articular maneiras diferentes para uma sociedade com equidade.

As mulheres não precisam eliminar suas diferenças para construir vínculos de solidariedade. Não precisamos viver sob a mesma opressão para combatermos a opressão em si. Não precisamos sentir hostilidades contra os homens para nos unirmos, tão grandes são as riquezas das experiências, culturas e ideias que podemos partilhar umas com as outras. Podemos ser irmãs unidas pelo compartilhamento de interesses e crenças, unidas em nosso apreço pela diversidade, unidas em nossa luta para acabar com a opressão sexista, unidas pela solidariedade política (HOOKS, 2019, p. 109).

Buscar reconstruir ações que possam desmontar essa estrutura e reconstruir uma estrutura de equidade, onde as desigualdades sejam eliminadas seria um ponto de convergência para as mulheres negras. Essas mulheres lutando e desejando constantemente para desconstruir-reconstruir-constituir uma sociedade e um feminismo mais justo.

A pedra nodal se encontra no trabalho de descortinar novos programas econômicos e capitalistas que oprimem e exploram a classe baixa para sobreviver. Pois o patriarcado e o sistema capitalista não admitiram avanços para seu desmonte em prol de uma sociedade mais justa e democrática (HOOKS, 2019).

Lutar e resistir contra opressões torna a luta mais complexa e mais desafiadora para aquelas que não se identificam com um ideal de ego onde não se veem representadas ou visibilizadas.

Pois, muitas pessoas negras nos veem como se “faltasse algo”, como se fôssemos inferiores quando comparados aos brancos. É impressionante a escassez de trabalhos acadêmicos contemplando a questão do auto-ódio dos negros, examinando as formas como a colonização e a exploração de pessoas negras é reforçada pelo ódio racial internalizado via pensamento supremacista branco (HOOKS, 2019, p. 48).

Abordar situações desse tipo traria à superfície medos suplantados escondidos de longa data. Teríamos que descortinar as cenas falsárias.

Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade estamos falando na conduta articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que passa ao seu redor. Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação de características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas de si mesmo e sobre o mundo em volta, e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive em prol da coletividade (BERTH, 2019, p. 21).

Para Claudia Pons Cardoso (2019), o feminismo é um compromisso ético, político, teórico e prático com a transformação da sociedade a partir de uma perspectiva antirracista, antissexista, antilesofóbica, anti-homofóbica, antitransfóbica, anticapitalista, ou seja, uma nova ordem mundial.

Na afirmação de nossa identidade feminista, nós, ativistas negras, historicamente consideradas “as outras do feminismo”, em diferentes contextos, construímos epistemologias feministas negras decoloniais, tomando por base nossas experiências e as de nossas antepassadas, e iniciamos elaborações acerca do feminismo totalmente opostas às concepções hegemônicas, que terminaram por contribuir para o fortalecimento do próprio feminismo, já que o deslocamos da perspectiva construída a partir de privilégios do centro para a perspectiva da vivência da margem (CARDOSO, 2019, p. 11).

Pensar em mudanças perpassa por modificações de crenças e hábitos estabelecidos há muito tempo. E cada mulher negra pode realizar modificações em sua vida. Contudo, há a necessidade de repensarmos e reestabelecermos conexões que foram desfeitas nos últimos séculos.

É nesse contexto que Cláudia Pons Cardoso (2014) e Lélia Gonzáles (1988) irão convergir em uma tentativa de aprimorarmos e reforçarmos nossas raízes tanto as epistêmicas, quanto as origens de onde viemos e como propagamos os discursos que vivenciamos por séculos como verdadeiros. Criando explicações em comum para abordar o racismo e recuperar estratégias de resistência e luta das mulheres negras e indígenas. Na busca de registros de protagonismo de sujeitos históricos. Como as autoras relatam, a força epistêmica pode criar uma fissura no sistema, pois criáramos outra forma de pensar, de produzir conhecimento, a partir dos subalternos, dos excluídos, dos marginalizados. É, nesse sentido, que temos o conceito de *amefricanidade*, cuja referência se dá em função da experiência comum de mulheres e homens negros e indígenas, da margem para o centro da investigação, como sujeitos do conhecimento no enfrentamento do racismo e do sexismo.

Conexões que vão de mudanças de hábitos a reformulações em suas vidas. Estamos falando de utilizar a experiência de nossas antepassadas para acabar com esse sofrimento tão atroz que acompanha cada signo, significado e significante de nossa existência. A possibilidade de ressignificar cada significado e significante que produziu por séculos sofrimento e dor em nossas antepassadas. E essas sinalizam a todo instante que não faz sentido algum a permanência ou o repasse para as outras gerações.

Esses significados e significantes de nossas ancestrais irão ajudar a ressignificar trajetórias dois séculos depois, pois muitas mulheres negras ainda bebem nas fontes de sofrimento que estão impregnadas de agrotóxicos da cultura ocidental.

Envenenamento ocidental que age como cicuta bem dosada e aplicada, pois muitas alegam que não estão contaminadas e que aguentam mais um pouco. Ou que o efeito nelas não é tão devastador assim, mas que não conseguem dar andamento quando se deparam com o espelhamento do ideal de vida branco.

Na tarefa de etiquetar os momentos históricos, eu arriscaria dizer que nossa época, o século XXI, está sendo marcado por embates na ordem do imaginário, por uma guerra de imagens e signos, por uma sede de representação e visibilidade, na busca de chaves de compreensão desse fenômeno complexo (HOOKS, 2019).

Registros reais imaginários e simbólicos que precisam ser ressignificados para que se tornem acessíveis para as próximas gerações de mulheres negras, que arriscaram suas vidas para produzirem conhecimento e vida sem dívidas simbólicas com um senhor branco egoísta e perverso que só pensa em seu enriquecimento ilícito.

2.3 MULHERES NEGRAS: AUTODEFINIÇÃO E EMPODERAMENTO

Acredito em sua boa-fé para com todas as mulheres, em sua visão de um futuro no qual todas poderemos florescer e em seu compromisso com o trabalho árduo, muitas vezes dolorido, mas necessário para promover mudança. É nesse espírito que convido a se juntar a mim para esclarecermos algumas diferenças que existem entre nós na qualidade de mulher negra e mulher branca (LORDE, 2020, p. 84).

Acreditamos que um mundo melhor perpassa por realinharmos a ética, a política, a sociedade em uma busca por reconsiderarmos o desastre humano e ambiental que ocorreu nos últimos séculos. Se olharmos para o passado e o presente, notamos que algo ocorreu de errado. Nos encontramos no século XXI e muitas vezes não entendemos como ainda estão em voga as leis e normas do século XVIII. As ambições e a busca pelo poder e dominação dos outros ainda estão banhadas de sangue.

Nossa história como pessoas afro-americanas deveria nos tornar especialmente sensíveis às questões relativas à paz, pois desde a época do tráfico de escravos e escravos da África temos sido submetidas pela classe dominante branca em busca de lucro e poder a agressão características de uma guerra. Mais do que quaisquer outras pessoas, devemos compreender que a paz não é um estado de coisas abstrato, pelo contrário, é algo inextricavelmente ligado à nossa capacidade de conquistar a justiça

racial, sexual e econômica. Quando falamos em paz, devemos falar também em liberdade (DAVIS, [1994], 2017, p. 65).

Comecei a sentir minha história e minhas origens míticas sendo deturpadas pela ausência de quaisquer imagens das minhas ancestrais no poder. Onde estão as deusas guerreiras do Vodum, as amazonas do Daomé, as guerreiras de Dan? (LORDE, 2020). Onde estão as guerreiras que sustentam e suportam os mandos e desmandos desse país? Onde estão as mulheres que estão nas periferias lutando pela sobrevivência? Onde estão as estudantes universitárias que se encontram em campo minado?

Sugerir que todas as mulheres sofrem a mesma opressão simplesmente porque somos mulheres é perder de vista as muitas e variadas ferramentas do patriarcado. É ignorar como essas ferramentas são usadas pelas mulheres, inconscientemente, umas as outras. Menosprezar nossas ancestrais negras pode muito bem ser o mesmo que menosprezar como as mulheres europeias aprenderam a amar. Como uma mulher afrodescendente em um patriarcado branco, estou acostumada a ter minha experiência arquetípica deturpada e banalizada, mas é doloroso demais ver isso sendo feito por uma mulher cujo conhecimento tem tantos pontos em comum com o meu. Quando falo de conhecimento, como você sabe, estou falando dessa genuína e obscura profundidade a qual a compreensão serve, espera e torna acessível, para nós e para os outros, por meio da linguagem (LORDE, 2020, p. 86).

Menosprezar as ancestrais ou deixá-las no esquecimento do inconsciente custa a cada mulher negra sua saúde mental. Apagar sua própria história tentando encontrar menos sofrimento no caminho custa a sanidade mental de cada irmã negra.

Muitas mulheres negras estão em profunda melancolia, pois perderam algo que nem sabem o que é, se são seus os filhos mortos, se eram os seus ancestrais que foram sacrificados, se é a dignidade proibida. O que resta é a denúncia.

Maria Rita Kehl (2010, p.10) denuncia que “o complexo melancólico se comporta como uma ferida aberta”, ou seja, “queixar-se é dar queixa”. A lamentação que caracteriza a melancolia deve ser entendida como uma acusação contra alguém, um *outro* que o doente não é capaz de identificar. Os melancólicos são estes que desconhecem tanto a natureza do objeto perdido como a origem da perda.

Mesmo quando sabem nomear o que perderam, não sabem dizer *o que* foi perdido junto com o objeto. A observação nos sugere que uma posição da libido nos primórdios da vida psíquica tenha sido abandonada ou perdida. Perda que encontramos nas narrativas das mulheres negras.

Como cada ser humano que foi arrancado de sua vida diária deve ter lidado com a perda de tudo que tinha construído para si? Não foi perguntado se queriam ou não? Não foi uma imigração normal? Não é perguntado hoje sobre qual futuro essas mulheres querem? Não são perguntadas sobre suas dificuldades?

Foram arrancadas de sua terra natal onde eram: rainhas, princesas, mães, donas de seus lares, filhas, chefes de famílias, guerreiras, caçadoras, agricultoras, estrategistas, tinham cultura, linguagens diferentes, sistemas diferentes. São mantidas ainda hoje em posicionamentos subalternos e sem condições reais de melhorar suas condições de vida.

Em ambientes subalternos e de precariedade, a conta recai em suas incapacidades perante o sistema capitalista e seus entraves criados propositalmente, em um jogo perverso de lucros e mão-de-obra excedentes.

O racismo é, em primeiro lugar, uma arma usada pelas pessoas abastadas para elevar os lucros obtidos – ao pagar menos pelo trabalho do operariado negro. A classe dominante de um país conquista o povo de outro a fim de roubar suas terras e seus recursos e explorar sua força de trabalho (DAVIS, [1944], 2019).

No mundo onde a representação das mulheres negras ainda está associada à subalternização, à subserviência e à hipersexualização, a imagem de mulheres que representem uma imagem diferente é importante para a busca de autodeterminação e empoderamento (FIGUEIREDO, 2018).

Quando as mulheres negras se movem, toda a estrutura política e social se movimenta na sociedade, porque estar na base desestrutura e desestabiliza as rígidas e consolidadas relações desiguais de poder no sistema capitalista (FIGUEIREDO, 2018).

A narrativa e a linguagem movem e talvez salvem milhares de mulheres que estão à margem e que ainda gostariam de deixar um futuro melhor para seus filhos. Como a catadora e escritora Carolina Maria de Jesus, a quem a narrativa manteve viva.

Assim como Carolina denuncia através da melancolia de um sofrimento que conscientemente parece não ter nome, mas que ficou no não dito, muitas mulheres negras de várias gerações não conseguiram trazer à consciência seus sofrimentos. Que emergiram como ato falho, chiste, lapso momentâneo que foi rapidamente recalcado na tentativa de causar danos menores. Ficaram feridas abertas não cicatrizadas e que passaram transgeracionalmente para outras mulheres.

E uma narrativa está infinitamente ligada a outra. Como uma costura infinita de colchas de retalhos, ao pensarmos em Carolina Maria de Jesus notamos uma mulher negra que não consegue simplesmente aceitar a vida de catadora, deparando-se com a dificuldade que as

peças têm de entendimento sobre a condição de ultrapassar os limites impostos pela sociedade.

Liguei o rádio para ouvir o drama. Fiz o almoço e deitei. Dormi uma hora e meia. Nem ouvi o final da peça. Mas, eu já conhecia a peça. Comecei a fazer o meu diário. De vez em quando parava para repreender os meus filhos. Bateram na porta. Mande o João José abrir e mandar entrar. Era o Seu João. Perguntou-me onde encontrar folhas de batatas para sua filha buchechar um dente. Eu disse que na Portuguesinha era possível encontrar. Quis saber o que eu escrevia. Eu disse ser meu diário.
 -- Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você.
 Todos têm um ideal. O meu é gostar de ler. O Seu João deu cinquenta centavos para cada menino. Quando ele me conheceu eu tinha só dois meninos.
 Ninguém tem me aborrecido. Graças a Deus (JESUS, 1960, p. 23).

O espanto e o estranhamento de seu João são, muitas vezes, espelhados quando nossa sociedade se espanta pela ascensão das mulheres negras nos ambientes restritos para alguns.

Para Sueli Carneiro (2011, p. 11), é preciso ainda considerar que a “muralha de silêncio” não pode barrar a luta pelo acesso a recursos públicos para sustentar políticas de combate ao racismo e superação de desigualdades.

O advento de mulheres e de mulheres negras dentro da academia estaria fora dos padrões normatizados por indivíduos que estabelecem e criam as regras. Portanto, é de extrema importância estabelecer espaços de escuta e denúncia para mulheres e mulheres negras que estão nesses espaços.

Espaços e discursos que não deveriam privilegiar somente aqueles que já foram privilegiados uma vida inteira, ainda mais dentro de ambientes que são responsáveis por profissões e profissionais que estarão em alguns anos no mercado de trabalho.

Cercado de pessoas que acreditam em uma sociedade melhor e mais justa, que dedicaram transformar suas crenças em ação e dedicar a vida a tentar mudar o mundo. Soa utópico, talvez. Mas a palavra relevante aqui provavelmente não é aquela em que você está pensando. É tentar. Tentar e tentar mais uma vez. Nunca desistir. Isso é uma vitória em si. Tudo e todos nos dizem que “lá fora” você não terá êxito, que é tarde demais, que vivemos em uma época em que uma revolução não pode mais acontecer. Mudanças radicais são coisas do passado. Você pode ser um *outsider*, mas não pode estar fora do sistema, e você pode ter crenças políticas, até mesmo radicais, mas elas precisam ficar dentro dos limites do que é permitido, dentro daquela bolha delimitada pelas elites (BARAT, 2018).

A tentativa e a saída estão interligadas com a autodefinição e o empoderamento através de ressignificações e educação. Na transformação do conhecimento em projeto político e social na busca de equidade. Na reconstrução das vidas dessas mulheres.

Muitos intelectuais ainda pesquisam as contribuições dessas mulheres na base da pirâmide social como trabalhadoras do lar, babás, cuidadoras de idosos, diaristas, mães, donas de casa, caixas de supermercados, manicures, etc.

Para hooks (2019), as mulheres precisam aprender o valor do seu trabalho, remunerado ou não, como ato de poder e resistência, pois internalizaram a definição que os poderosos criam sobre elas e sobre o valor do seu trabalho. E muitos deles ainda classificam essas profissionais como pessoas que em algum momento fracassaram em sua trajetória dentro da educação e foram jogadas aleatoriamente para empregos com poucos rendimentos financeiros e poucas oportunidades apenas por uma falta de empenho.

Desenvolvemos um modo particular de enxergar as coisas. Olhávamos tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora. Focávamos nossa atenção no centro assim como na margem. Compreendíamos ambos. Essa forma de ver nos lembra da existência de todo o universo, um corpo principal com sua margem e seu centro. Nossa sobrevivência depende de uma conscientização pública contínua da separação entre margem e centro e de um contínuo reconhecimento privado de que nós somos uma parte necessária, vital, desse todo. Esse senso de inteireza, gravado em nossas consciências pela estrutura de nossas vidas cotidianas, haveria de nos prover de uma visão de mundo contestadora - um modo de ver desconhecido de nossos opressores - que nos sustentava, ajudando-nos em nossa luta para superar a pobreza e o desespero, fortalecendo nossa percepção de nós mesmas e nossa solidariedade (HOOKS, [1952], 2019, p. 23).

Solidariedade que passa por conhecermos nossos limites e nossas histórias que foram omitidas e escondidas na tentativa de apagar o genocídio construído ao preço do sangue e ideias de nossos ancestrais. Vidas que não retornam ao que eram antes e que não podem ser monetizadas.

O Brasil, segundo Borges (2017), é traumatizado e precisa de um ajuste de contas em aberto para colher da experiência coletiva da colonização e da escravidão os insumos. Cavando possibilidades, esburacando territórios para uma reconciliação do passado e criando uma plataforma política para nos repensarmos individualmente e coletivamente. Suportando a dor através das histórias contadas.

Apesar dos movimentos de transformação, nos últimos anos há algo “que resiste ao tempo, perdura, escapa das vicissitudes, sobrevive com obstinação” e faz do Brasil, Brasil. São as camadas sedimentadas que solidificam estruturas e nos acomodam a formas de existência por vezes tidas como insuscetíveis de questionamentos e tensões. Sem nenhum equívoco, sabemos que as camadas da colonização e da escravatura são tamanhas espessura que, de tal sorte, até hoje cobrem o nosso tecido social, sobrevivendo com tenaz resistência aos humores dos tempos (BORGES, 2017, p. 8).

As histórias contadas devem vir da margem para o centro. Contadas pelas pessoas que foram excluídas de contar suas próprias histórias. O conhecimento e a experiência das vivências e trajetórias devem produzir representatividade e pertencimento.

Como uma forma de nomear sua dor e assim poder nomear seu prazer, pois os pensadores negros críticos lutam para romper com os modelos hegemônicos de ver, pensar e ser que bloqueiam nossa capacidade de nos vermos em outra perspectiva. Nossos imaginários, descrições e invenções devem ser libertadores (HOOKS, 2019).

As modificações e a liberdade se tornam possíveis quando nos autodefinimos e empoderamos através da educação e sabedoria. A importância da educação, da autodefinição, da autoestima e da autonomia econômica passa pelas prioridades das organizações das mulheres negras (COLLINS, 2019).

Quando nós, mulheres negras, nos encarregamos de nossas próprias autodefinições, essas quatro dimensões da epistemologia feminista negra – a experiência vivida como critério de significação, o uso do diálogo, a ética da responsabilidade pessoal e a ética do cuidar- vieram à tona. Quando os temas centrais e os referenciais interpretativos do conhecimento das mulheres negras foram informados pela epistemologia feminista negra, foi possível dar corpo a uma rica tradição de pensamento feminista negro (COLLINS, 2019, p.425).

Decidir pela vida acadêmica e profissional em um âmbito mais ampliado para essas mulheres torna-se fundamental. Desafio de escrever suas histórias para além da subalternidade. Em um mercado de trabalho especializado e extremamente disputado devido às suas potencialidades.

Muitas mulheres negras sabem que as possibilidades ficam exponencialmente mais ricas através da educação, no entanto, esses ambientes ainda são destinados para um grupo de privilegiados. As universidades brasileiras se aproximam das americanas, mas com uma defasagem abissal.

Um terceiro grupo-chave cujos padrões epistemológicos devem ser atendidos são os grupos dominantes que ainda controlam as escolas, os programas de pós-graduação, a carreira docente, publicações e outros mecanismos que legitimam o conhecimento. As acadêmicas afro-americanas que visam desenvolver o pensamento feminista negro muitas vezes têm de recorrer a epistemologias eurocêtricas dominantes para atender aos padrões desse grupo. Atualmente, as dificuldades que essas mulheres negras enfrentam consistem menos em demonstrar que são capazes de manejar as epistemologias masculinas brancas do que resistir à natureza hegemônica desses padrões de pensamento para ver, valorizar e utilizar as formas de conhecer feministas negras alternativas que existem hoje (COLLINS, 2019, p.427).

No entanto, estar dentro de uma universidade traz inúmeros desafios para o caminho da maioria das acadêmicas negras, pois essa trajetória não foi realizada por suas mães ou por outras familiares. E, sendo assim, muitas trajetórias estão em risco de apagamento, pois, ao se depararem com os desafios de estarem dentro da academia, muitas mulheres negras se encontram imersas em um ambiente que lhes proporcionou o acesso, mas não a permanência.

Para Collins (2019), as mulheres negras agentes do conhecimento dentro da academia e a marginalidade que acompanha o *status* de *outsider* interna pode causar frustração, mas também instigar a criatividade. De uma forma crítica produzir fonte de *insights* e ideias. Grada Kilomba relata:

Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político. O poema ilustra o ato da escrita como um ato de tornar-se e, enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, autora e a autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminedou (KILOMBA, 2019, p. 28).

O status de *outsider* interna nos traz a possibilidade de compreender o problema por dentro e a luta para escrever e descrever as próprias histórias, o que se configura em ato político. Contar, escrever ativa e politicamente para encontrar as brechas no/do sistema.

Angela Davis (2017) relata que o ofício no ativismo político envolve, inevitavelmente, certa tensão, entre a exigência de que sejam tomadas posições, em relação aos problemas atuais, à medida que eles surjam, e o desejo de contribuir na tentativa de sobreviver através do tempo.

Assim, o ativismo perpassa pelas ideias de Angela Davis e Patrícia Hill Collins, ao longo de seus textos, em que o empoderamento de mulheres negras está intrinsecamente ligado à estratégia de erguer-nos enquanto subimos (COLLINS, 2019). Subiremos juntas com nossas irmãs, independente de classe.

Empoderamento que vai além da estética, das roupas, das militâncias, da participação política, mas é um catalizador de transformação eminente e potencial dentro de cada mulher que está buscando novas possibilidades.

As mulheres precisam saber que podem rejeitar as definições sobre a realidade em que vivem oferecidas pelos poderosos, que podem fazê-lo mesmo sendo pobres, exploradas ou vivendo em circunstâncias opressivas. Precisam saber que o exercício desse poder básico é um ato de resistência e de força. Muitas mulheres pobres e

exploradas, sobretudo as de cor, não teriam sido capazes de desenvolver conceitos positivos sobre si mesmas se não tivessem exercido o poder de rejeitar as definições sobre a sua realidade oferecidas pelos poderosos (HOOKS, 2019, p. 141).

Rejeitar uma realidade de desigualdade social, econômica, política e jurídica que foi criada pelos poderosos como tecnologia de poder para manter núcleos inteiros da população à margem. E manter as mulheres negras das próximas gerações afastadas de um potencial inovador e propulsor de conquistas que as levariam a ultrapassar as desigualdades. Elas que serão possivelmente futuras profissionais nos mais variados âmbitos. Escutar suas narrativas e suas proposições como futuras professoras, médicas, engenheiras, arquitetas, etc. trará para essas futuras profissionais a possibilidade de resistir e permanecer dentro destes ambientes.

Gostaria de ressaltar que, após cem anos, a nossa sociedade ainda não alcançou o projeto político de branqueamento forjado há décadas atrás, ainda continuamos um país com um percentual de negros acima do esperado pelos brancos.

Tivemos no ano de 2020 cortes de 30% nas finanças federais de várias instituições de ensino superior de todo o Brasil. E, nesse sentido, estamos correndo riscos de se efetivarem cortes ainda mais severos no sistema de políticas públicas. Temos um governo de extrema direita que resiste em comprar vacinas em plena pandemia mundial. E estamos com o sistema de saúde sobrecarregado a ponto de entrar em colapso.

Assim, o desafio se torna ainda maior para as mulheres negras que querem ocupar seus espaços de direito. Espaço de conhecimento, de emancipação e de autonomia. Em uma sociedade conservadora, onde mulheres ainda não possuem os mesmos direitos que os homens, como seria se essas mulheres negras que querem produzir novas formas de resignificação dentro do meio acadêmico e profissional...

Acredito que os desafios se tornam ainda maiores ao encontramos dissonâncias dentro do próprio feminismo, com suas subdivisões. As negras que querem produzir novas formas de conhecimento dentro de inúmeros meios nos últimos anos ainda não se sentem representadas ou com uma representatividade que reflita seus conhecimentos e proposições.

Para Nalu Faria (2005), o movimento feminista ainda é percebido de forma muito intelectualizada e as militantes provindas das classes baixas ainda não conseguiram assimilar suas práticas feministas, lutas cotidianas, experiências formativas e articulação dentro do contexto acadêmico. Mulheres negras munidas de experiências, mas ainda rechaçadas pela subalternidade imaginária de uma sociedade patriarcal, onde as próprias mulheres intelectuais brancas reproduzem um sistema conservador ultrapassado. Devido a uma insuficiência de

compreensão do feminismo como movimento social, mantendo a visão preconceituosa sobre setores populares.

Angela Davis (2016) fala sobre o papel multidimensional das mulheres negras no interior da família e da comunidade e a luta atual pela sua emancipação. Essas mulheres, na atualidade, são novamente alicerces dos seus lares, pioneiras no meio acadêmico como novas possibilidades de ressignificações.

As mulheres negras sempre trabalham mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos de escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos da existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras (DAVIS, 2016, p. 17).

As mulheres negras que hoje estão na busca pela transformação de suas vidas, ou seja, futuras médicas, advogadas, professoras, professoras universitárias, pesquisadoras, dentistas, historiadoras, cientistas sociais, filósofas etc. estão desafiando o sistema e subvertendo a ordem inventada.

Sabemos que a representatividade das mulheres negras ainda precisa ser ampliada para que essas mulheres que vivem nas periferias consigam se projetar para além do seu dia-a-dia. Jovens que sonham com emancipação e autonomia, negras que irão transformar essa sociedade, criando um entendimento ainda maior sobre quem são essas mulheres negras? Como estão? Quais os seus rumos? Qual o seu lugar de direito? Militam? Em que causas? Com quais propósitos? etc.

2.4 MINHA ESCUTA, NOSSAS ESCUTAS, RAÇA E GÊNERO

É, para cada uma de nós, a empreitada de uma vida inteira extrair essas distorções da nossa existência ao mesmo tempo que reconhecemos, reivindicamos e definimos as diferenças sobre as quais elas são impostas. Pois todas fomos criadas em uma sociedade na qual essas distorções eram endêmicas em nossa vida. Com muita frequência desperdiçamos energia necessária para reconhecer e explorar diferenças fazendo de conta que são barreiras intransponíveis, ou que nem ao menos existem (LORDE, 2010, p. 143).

Nesta seção, estabeleço um diálogo com as experiências das mulheres negras que passaram pelo meu consultório e com as mulheres negras da minha família. Usarei, a partir daqui, o N maiúsculo para ressaltar a palavra Negra, com a mesma intenção que Grada

Kilomba narra em seu livro sobre o palavra Black do movimento de conscientização dos anos 1960, na tentativa de distanciar radicalmente as terminologias coloniais recorrentes como identidade política e positivar essa palavra que por muitos séculos foi pejorada (KILOMBA, 2019).

Como poder de autodefinição, como resistência na luta por igualdade e liberdade, liberdade para me descolonizar e ressignificar minha própria história e as histórias que cruzarem por mim, estou preparada para um grau de sofrimento tão grande que nem mesmo eu sabia desse fato, pois só comecei a me dar conta desse cenário, quando iniciei o processo de escuta dos sofrimentos de outras mulheres Negras. O sofrimento de minhas ancestrais tinha cicatrizado antes que eu imaginasse e supusesse. Muitas ainda estão em processo de cicatrização.

Mas consegui utilizar minha raiva e meu ódio como um bisturi eficiente que corta na medida certa. Não machuco mais que o necessário e não amorteço a dor de quem ainda traz o ideal branco como justificativa para os seus erros. Sou uma mistura das minhas avós, minha mãe e minhas tias.

Conversando um dia com um amigo muito especial, ele me sinalizou que minha avó era uma psicanalista de berço, forte, determinada e responsável, no entanto, não conseguiu usar seu conhecimento para se desintoxicar.

Meu trabalho não a alcançou, mas irá a cada mulher Negra que cruzar as linhas da sua vida com a minha, esse é o meu objetivo para os próximos anos. Minha filha beberá nessa fonte.

Quero destacar, aqui, que trabalho com o tempo, a sabedoria e com todas as informações que minhas ancestrais me deixaram, com tudo que aprendi com cada uma de vocês que estão lendo, nesse exato momento este texto, sou um ser humano que tenta acertar e organizar da melhor maneira as coisas que cruzam o meu caminho – sou humana. Humana que aprendeu com outras humanas, mulheres Negras. E que gostaria de apresentar as mulheres Negras que me precederam através da canção de Maria Bethânia: *Não mexe comigo*. Ela representa as mulheres e os desafios que me trouxeram até aqui, porque sem elas esse texto não seria possível. Sem vocês esse texto nunca estaria aqui.

Gostaria de agradecer aqui minha irmã Caroline que, nesse exato momento, está se tornado doutora na UFSM e que faz parte dessas mulheres desbravadoras que estão nessa trajetória. Mulher Negra incansável, lutadora e esperançosa por um mundo melhor.

Voltando à minha bisavó Vergilina, dona de casa, com treze filhos e um marido que foi levado pelo trem dos loucos.

Não mexe comigo que eu não ando só
 Eu não ando só, eu não ando só
 Não mexe não
 Não misturo, não me dobro a rainha do mar
 Anda de mão dadas comigo
 Me ensina o baile das ondas e canta, canta, canta pra mim
 É do ouro de oxum que é feita a armadura que guarda o meu corpo
 Garante meu sangue, minha garganta
 O veneno do mal não acha passagem
 E meu coração Maria ascende sua luz, e me aponta o caminho... (Bethânia, 2012)

Sua sucessora é minha avó Catarina mãe de doze filhos e um marido alcoólatra, essa é a psicanalista que cruzou a minha vida e me forjou.

Não mexe comigo que eu não ando só
 Que eu não ando só, que eu não ando só
 Não mexe não
 Eu tenho zumbi, besouro o chefe dos tupis
 Sou tupinambá, tenho erês, caboclo boiadeiro
 Mãos de cura, morubichabas, cocares, arco-íris
 Zarabatanas, curarês, flechas e altares
 A velocidade da luz no escuro da mata escura
 O breu o silêncio a espera
 Eu tenho Jesus, Maria e José
 Todos os pajés em minha companhia
 O menino Deus brinca e dorme nos meus sonhos
 O poeta me contou (Bethânia, 2012)

Sua sucessora é minha mãe Neli, mãe de 4 filhos e casada com um marido pedreiro.

Não mexe comigo que eu não ando só
 Que eu não ando só, que eu não ando só
 Não mexe não
 Medo não me alcança, no deserto me acho
 Faço cobra morder o rabo, escorpião vira pirilampo
 Meus pés recebem bálsamos, unguento suave das mãos de Maria
 Irmã de Marta e Lázaro, no Oásis de Bethânia
 Pensou que eu ando só, atente ao tempo
 Não começa nem termina, é nunca, é sempre
 É tempo e reparar na balança de nobre cobre que o rei
 Fulmina o injusto, deixa nua a justiça
 Eu não provo do teu fé!, eu não piso no teu chão
 E pra onde você for, não leva o meu nome, não (Bethânia, 2012)

Essa sou eu, dois filhos e um companheiro de jornada.

Se choro, quando choro e minha lágrima cai
 É pra regar o capim que alimenta a vida
 Chorando eu refaço as nascentes que você secou
 Se desejo, o meu desejo faz subir marés de sal e sortilégio
 Vivo de cara pra o vento na chuva e quero me molhar
 O terço de Fátima e o cordão de Gandhi cruzam o meu peito
 Sou como a haste fina que qualquer brisa verga
 Mas nenhuma espada corta

Não mexe comigo que eu não ando só
 Que eu não ando só, que eu não ando só
 Não mexe, não (Bethânia, 2012).

Minha filha Antônia.

Não mexe comigo que eu não ando só
 Que eu não ando só, que eu não ando só
 Não mexe, não... (Bethânia, 2012).

Nossa possibilidade de futuro está intrinsecamente ligada a nos tornarmos *outsider* internas e buscarmos pela liberdade. Essas constatações foram feitas por mulheres Negras que buscam dentro das pós-graduações permanência fortes e determinadas, essas mulheres me narravam que a busca por ser uma *outsider* interna e a busca pela liberdade eram caminhos que não poderiam ser evitados.

Duas questões bem importantes para as próximas gerações: liberdade de pensamento e descolonização de costumes, como bem menciona Angela Davis (2018). Devemos, então, não só reivindicar direitos legais no interior da sociedade vigente, mas também exigir direitos concretos: emprego, moradia, saúde, educação, etc. – e desafiar a própria estrutura. Reinvidicações, inclusive, contra o aprisionamento racista, violência policial e a exploração capitalista.

A exploração e a precarização deixam nossas mentes encarceradas dentro de normas e pré-conceitos que nos levam a não buscar uma autodefinição e resistência. Tornando-nos inaptas a buscarmos novas formas de luta frente a um sistema tão complexo. Não há nada dentro desse sistema que não tenha sido forjado e aplicado de maneira perversa. Somos o resultado de centenas de anos de pilhagens e genocídios e estamos olhando perplexos para os resultados.

Resultados que, muitas vezes, deixam essas mulheres Negras imobilizadas, pois a busca por saídas está atrelada à sua capacidade de compreensão da complexidade dos fatos e dados disponibilizados, que são poucos. Nossa amplitude de conectar informações e decodificá-las foi danificada na tentativa de nos deixar o maior tempo possível alienados em nosso próprio sofrimento. Estão nos afogando em nosso próprio sangue.

Ampliaram nossas falhas. Super valorizaram nossos erros e trajetórias, mistificaram nossa cor e cultura, arrancaram nossas crenças e deuses e nos culparam por tudo isso. Somos responsáveis por termos sido arrancados de nossa terra natal, somos culpados pelos trezentos

anos de escravização, pela exploração excessiva que uma elite empresarial-multinacional empreendeu para acumular capital e, conseqüentemente, poder.

A responsabilidade de hoje ainda haver pouca representatividade de mulheres Negras nas universidades ou nos cargos de poder recai sobre um discurso de meritocracia e cientificidade que chega próximo a uma alucinação coletiva daqueles que o emitem.

Grada Kilomba (2019) nos instiga quando pergunta:

Quem sabe o quê? Quem não sabe? E por quê? Esse exercício nos permite visualizar e compreender como conceitos de conhecimento, erudição e ciência estão intrinsecamente ligados a poder e à autoridade racial. Qual conhecimento está sendo reconhecido como tal? E qual conhecimento não é? Qual conhecimento tem feito parte das agendas acadêmicas? E qual conhecimento não? De quem é esse conhecimento? Quem é reconhecida/o como alguém que possui conhecimento? E quem não o é? Quem pode ensinar conhecimento? E quem não pode? Quem está no centro? E quem permanece fora, nas margens? (KILOMBA, 2019, p. 50).

A autora ainda ressalta que o centro ao qual ela se refere, o acadêmico, não é um local neutro. É um espaço de violência. Espaço branco, onde o privilégio de fala tem sido negado para pessoas Negras, onde nossas vozes são reproduzidas por brancas/os que nos descrevem, classificam, desumanizam, brutalizam, matam. Não é que não tenhamos falado, é que o sistema racista desqualifica sistematicamente nossos conhecimentos ou se tornam especialistas para nos representar (KILOMBA, 2019).

Essas perguntas e essas inquietações são sistematicamente trazidas às sessões pelas mulheres Negras, pois se sentem impotentes frente à tamanha violência dentro dos ambientes de poder. Não são mais violências físicas como os açoites nos pelourinhos. Mas são abusos psicológicos recorrentes ao questionamento de suas capacidades intelectuais e psíquicas para estarem onde estão – medidas e passadas a todo o momento.

Como uma extensão social que a todo momento requer da mulher Negra uma *sobre força* para a manutenção e a possibilidade de estar no mundo, como se ainda fôssemos propriedades do senhor, amas de leite ou empregadas para limpar suas sujeiras.

As perguntas devem vir à tona para que as respostas libertem essas mulheres das amarras psíquicas do desconforto da dor e do sofrimento.

Tivemos que metabolizar tanto ódio que nossas células aprenderam a viver dele—do contrário, morreríamos dele. O antigo rei Mitrídates aprendeu a ingerir arsênio pouco a pouco e acabou ludibriando seus envenenadores, mas eu teria odiado beijar os lábios dele! Hoje negamos que esse ódio tenha algum dia existido porque aprendemos a neutralizá-lo, assimilando-o, e o processo catabólico libera resíduos de fúria até mesmo quando amamos (LORDE, 2020, p. 196).

É esse som que ecoa e é amortecido pelas paredes de pedra do consultório. Não poupo esforços para que cada uma dessas mulheres que sai desse ambiente se ouça e seja ouvida, ressignificando suas experiências, em uma tentativa colossal de desmonte do aparato tecnológico de poder implantado e implementado há séculos.

Porque sujeitas Negras radicais são constantemente rotuladas como loucas por aqueles que desejam minar seu poder pessoal e sua habilidade de influenciar os outros. O medo de serem vistas como loucas impede muitas mulheres negras de expressarem suas identidades radicais (HOOKS, 2019).

Dentro do patriarcado fomos domesticadas e colocadas em nossos devidos lugares. Lugares que, para as mulheres Negras, ficam ainda mais restritos. Somos rotuladas como loucas ou dóceis, barraqueiras ou insensatas, temperamentais ou destemperadas, bruxas ou feiticeiras, como manobra de poder para limitar nossas potencialidades.

Potencialidades para lembrarmos que somos *outsiders* internas, mulheres Negras que são agentes do conhecimento, dentro da academia, a marginalidade que acompanha pode causar frustração, mas também instigar a criatividade (COLLINS, 2019).

Sendo assim, o conhecimento construído do “eu” emerge da luta para substituir as imagens de controle pelo conhecimento autodefinido, considerado pessoalmente importante, um conhecimento muitas vezes essencial para a sobrevivência das mulheres negras. Ao promover o empoderamento das mulheres negras por meio da autodefinição, esses espaços seguros ajudam a resistir à ideologia dominante promulgada e criar estratégias de resistência (COLLINS, 2019, p. 184-185).

Mulheres Negras que irão realizar as conexões e aprendizagens necessárias para manter uma próxima geração viva e psicologicamente saudável. À medida que nos reconectamos com a sabedoria (conhecimento e práxis) de nossas ancestrais, notamos que nossa intuição sobre o mundo aumenta. E nossa capacidade de ajudar outras se multiplica. Religamo-nos com a sabedoria que nos foi pilhada.

Religamos com todas as mulheres que nos antecederam e que propositaram em cada nova batalha. Decodificamos códigos e registros, mudamos significados e significantes, tornamo-nos referência de confiança, reestabelecemos laços, refazemos trilhas e ensinamos para as próximas mulheres Negras que virão. Criamos um quilombo interno e nos fortalecemos.

3 CONCLUSÃO

A determinação de nos mantermos vivas e de deixar para as próximas gerações a chave das nossas descobertas perpassa por ressignificarmos nossos ódios e rancores e nos religarmos com nossa ancestralidade. Não podemos usar o ódio como combustível diário porque ele irá nos intoxicar e nos adoecer. O ódio bem dosado serve para nos tirar da inércia e nos jogar para novos projetos e novos desafios.

Para desafiarmos os parâmetros e as regras sem precisarmos nos suicidar ou enlouquecer não precisamos mais nos atirar dos navios nem matar nossas crianças. Devemos levantar e lutar. Resistir para não morrer. Acessar a sabedoria para repassá-la às próximas gerações.

Quando foi a última vez que você elogiou uma irmã, reconhecendo o quanto ela é especial? Temos que pensar conscientemente em como podemos ser amáveis umas com as outras até que isso se trane habito, porque o que nos era inato nos foi roubado – o amor entre mulheres Negras. Mas podemos praticar a gentileza em relação a nós mesmas sendo gentis umas com as outras. Podemos praticar gentileza umas com as outras ao sermos gentis com aquela parte de nós que é mais difícil de suportar, ao darmos mais para a menina corajosa e ferida que existe dentro de nós, ao esperarmos um pouco menos de seu esforço gigantesco para se destacar (LORDE, 2020, p. 217).

Não estou finalizando. Estou abrindo para vocês uma galáxia de conhecimento que ainda possui muitos pontos nodais a serem estudados e lapidados. Gostaria de afirmar que o que me trouxe até aqui foi o reconhecimento de algumas mulheres Negras importantes na minha vida. Fui incentivada a não desistir do que eu queria. Nunca foi permitido desistir de sonhos.

Sendo assim, sonhem, projetem seu futuro, usem os seus imaginários para suportar e ultrapassar as barreiras e irem a frente. Não desistam, mesmo que pareça muito desafiador. Estudem. Invistam tempo e libido para encontrar outras mulheres Negras que já estão pesquisando e falando sobre suas angústias.

Encontrem a chave-mestra de suas vidas e propositem novas formas de olhar para dentro de uma sociedade intoxicada por velhas crenças e mitos. Só através da educação nossas posições sociais mudarão. E teremos um futuro diferente. Lutar, resistir para não morrer.

REFERÊNCIAS

BARAT, Frank. Introdução. In: DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. 1. ed. São Paulo: Boitempo,

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos Narcísicos no racismo:** branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. Tese de doutorado defendida ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. S. n: 2002.

BRASIL. **Constituição de 1988.** Constituição da República federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988. rev. ampl. atual. São Paulo.

_____. Lei 12.711 de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais. **Diário Oficial da União.** República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 29 de Agosto de 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: 22 jan. 2014.

BERTH, Joice. **Empoderamento.** São Paulo: Pólen, 2019.

BETHÂNIA, Maria. **Não mexe comigo.** Álbum: Oásis de Bethânia: 2012.

BEREANO, Nancy K. Introdução. In: LORDE, Audre. **Irmã Outsider.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BORGES, Rosane. Prefácio. In: KON, Noemi Moritz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lucia da. (Org.) **O racismo e o negro no Brasil:** questões para a psicanálise. Org. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo:** a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero. [S.l.: Unifem], 2011. Disponível em: <http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2019.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22 (3): 965-986 setembro-dezembro/2014.

_____. Apresentação. In: HOOKS, bell. **Teoria feminista:** da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro; conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIAS, Anna Amélia. **Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade.** Estudo pesquisa em psicologia. Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019. Acesso: 02 fev/ 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, [1944], 2016.

_____. **Mulheres, cultura e política.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, [1944], 2017.

_____. **A liberdade é uma luta constante.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, [1944], 2018.

_____. **Uma autobiografia.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, [1944], 2019.

FARIA, Nalu; POULIN, Richard (Org.) **O feminismo latino americano e caribenho:** perspectivas diante do neoliberalismo Desafios do Livre Mercado para o Feminismo (São Paulo: SOF, 2005.

FIGUEIREDO, Angela. Prefácio à edição Brasileira. In: DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, [1944], 2018.

GOMES, Nilma Lino. Educação, Raça e Gênero: Relações imersas na Alteridade. **Cadernos pagu** (6-7) 1996: pp.67-82. Acesso 08 fev/2020.

GONZALES, Lélia. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: marco zero, 1982.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

_____. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JOSSO, Marie-Christine. **A Transformação de si a partir da narração de história de vida**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n.3 (63), p.413-438, set./dez.2007.

_____. **As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 373-383, maio/ago. 2006. Acesso: 10 dez 2018.

KEHL, Maria Rita: Freud, Sigmund [1856-1939] **Luto e melancolia: Sigmund Freud**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. 1. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O Que é Lugar de Fala?** Belo Horizonte. Letramento: Justificado, 2017.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em Ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SPINDOLA Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. **Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?)**. Rev. Esc. Enferm USP2003; 37(2):119-26. Acesso: 18 jan 2020.